

## Resenha

DEWEY, John. **Arte como Experiência**. Tradução de Vera Ribeiro, Martins Fontes, 2010. – (Coleção Todas as Artes). 646 pág.

por Inês Lacerda Araújo

*A arte é a mais universal e mais livre das formas de comunicação [...] é a extensão da função dos ritos e cerimônia unificadores dos homens [...] ela também conscientiza os homens de sua união uns com os outros na origem e no destino (John Dewey).*

A publicação original da obra *Arte como Experiência* data de 1934. Finalmente o leitor brasileiro tem acesso às reflexões de Dewey sobre teoria da arte. Em geral toda a obra de Dewey recebe pouca atenção da parte de editores, reflexo de críticas apressadas que têm sido feitas ao pensamento de Dewey em particular, e ao pragmatismo norte-americano de modo geral. A revitalização da escola no Brasil se deve a uma apreciação mais isenta de professores e intelectuais com relação ao pragmatismo. Grupos de estudo sobre James, Dewey, e sobre um dos representantes mais recentes do movimento, R. Rorty vêm contribuindo para esse despertar. O mesmo pode-se dizer da *Revista Redescrições*, publicação quadrimestral do GT Pragmatismo e Filosofia Americana.

Em tradução competente, a longa obra de Dewey vem acompanhada de uma introdução de Abraham Kaplan (1919-1993), e, no final de notas e referências do próprio autor, o que soma 646 páginas. Kaplan se refere à má compreensão que teve o pragmatismo nos EUA, confundido com oportunismo, busca de sucesso material, quando é um movimento filosófico de renovação, que tem em Dewey um de seus expoentes. Atentar para as consequências e mostrar a interação entre organismo e ambiente, essas são as propostas de Dewey, longe de uma filosofia do interesse material imediato do homem de negócios norte-americano. A arte faz parte, ela integra os propósitos e valores da vida, nasce dos processos de interação entre o organismo e o meio, a que Dewey chama de experiência.

Na introdução, A. Kaplan mostra que Dewey combate os dualismos, pois vê uma continuidade entre duplos, entre díades, como homem e ambiente, natureza e sociedade, a arte e a ciência. A experiência ativa e dinâmica é a base para arte. Kaplan enxerta seus próprios exemplos, como quando expõe as razões que levam Dewey para argumentar sobre a correlação entre matéria e forma. Ressalta que Dewey analisa o “artístico” de preferência ao “estético” ao preservar o distanciamento com que devem ser empregados os princípios da interpretação da arte, que não serve a propósitos políticos, não é o meramente útil. Afasta tanto as interpretações realistas, quanto as que reduzem a arte à função representativa. Nada mais estranho ao pragmatismo, analisa Kaplan, do que

a concepção vulgar de que não passa de um utilitarismo e que, portanto, nada teria a dizer sobre arte, uma vez que ela é inútil.

Pelo contrário, Dewey reserva à arte um lugar especial na construção de seu pensamento e de suas obras, e este lugar é o da experiência, conceito chave para a compreensão de suas ideias.

No prefácio Dewey informa que a obra é resultado de uma série de dez conferências que pronunciou na Universidade de Harvard. Os textos são longos, com numerosos exemplos, bastante expositivos, e que vão num crescendo: as noções e conceitos se explicitam e se firmam a cada um dos catorze capítulos em que a obra foi organizada.

É preciso compreender seu ponto de partida, ao qual ele recorre ao longo de toda a obra. Por isso é fundamental ler “A criatura viva” (capítulo 1), pois nele vem exposta a tese central de Dewey. Toda criatura viva recebe e sofre a influência do meio, e a isso Dewey chamou de **experiência**. Há uma continuidade entre os eventos e atos do cotidiano. A arte é também uma forma de experiência que alcança dimensão estética. O Partenon, por exemplo, representa a cultura grega, seus atos e experiências; o que se vê em museus foi algo que serviu a povos, fruto de sua habilidade, de seus cultos, danças, rituais, música, arquitetura, inseparáveis de sua vida.

Os museus serviram a princípio para ostentar o poder, em geral de impérios. Mais recentemente, a arte se transforma em moeda de troca pelos colecionadores. Com isso os objetos artísticos ficam “desvinculados da experiência comum e servem de insígnias de bom gosto e atestados de uma cultura especial” (p. 60); daí o abismo entre os dois tipos de experiência, a comum e a estética, vem daí a falsa assunção de que arte é contemplação.

A proposta de Dewey é reverter essas noções e situações, a arte, diz ele, liga-se às experiências cotidianas. Sua teoria indaga acerca da natureza da produção artística, como ela surge e evolui a partir de ações comuns e necessárias à vida, à adaptação ao meio, à satisfação de necessidades. Há uma ordem, um equilíbrio das energias, quando o organismo chega a essa estabilidade, e “traz em si os germes de uma consumação semelhante ao estético” (p.77). Significados se incorporam aos objetos criados, o artista neles vê potencialidades, passa a cultivá-los.

Dewey recorre com frequência à diferença entre arte e ciência, esta se ocupa com situações e problemas em que contam a observação, o pensamento indaga e investiga. Em contraste, a experiência estética brota da ordenação segundo padrões que surgem na interação entre organismo e meio. A solução de tensões e conflitos leva a uma harmonia, a um prazer quando há uma adaptação.

A vida fornece as fontes da experiência estética; a energia, a prontidão, toda essa vitalidade é gerada pela troca ativa e alerta com o mundo: “a experiência é a arte em estado germinal” (p.84).

Por isso não tem lugar na teoria estética de Dewey nada de transcendente e etéreo. No capítulo 2 ele vai às raízes da divisão corpo/mente, sensível/inteligível, inferior/superior. Filósofos como Platão, e moralistas desprezam os sentidos, o gozo, o impulso e os apetites. Ora, os sentidos abrem para a atividade, para a lida com os materiais sensíveis que são meios para a ação, na qual a mente tem um papel ativo, ela extrai e preserva significados e valores que surgem daquela interação. Não há por que temer as experiências vivas e sufocá-las por debaixo do intelecto e da mente puros.

No homem, tempo e espaço fazem parte de necessidades que tem a vida consciente de transformar os estímulos orgânicos em meios para expressar e comunicar. A arte usa as energias e materiais da natureza, amplia a vida, une significado com impulso e necessidades, produção de artefatos, sendo, desde os povos antigos um norteador da humanidade. A experiência completa inclui o fazer, o ver, o expressar. Dewey combate a hostilidade e o preconceito contra a arte útil e contra as práticas e técnicas consideradas inferiores, que reserva a pura contemplação às classes superiores. Segundo ele, a cultura avançou juntamente com os processos vitais, com as experiências com o meio e a natureza. Na obra de Emerson e Thoreau, na arquitetura há essa relação sensorial; na poesia de Keats, não há separação entre sensibilidade, imaginação, raciocínio, intelecto e intuição.

Há experiências singulares há um fluxo. O mesmo se dá com as obras de arte, há unidade, há especificidade. E isso é “ter uma experiência”, tema do capítulo 3. Ideias não são algo fluido, puramente mental, elas formam um fluxo como fases afetivas e práticas, expressas em símbolos. A qualidade estética não é exterior nem diversa do prático, nem do intelectual, pertence aos movimentos vitais, algo emocional e parte integrante de uma experiência complexa. A interação criatura/meio resulta em adaptação, há um padrão, há uma estrutura, em que a ação expressa e amplia as experiências, do que resulta inteligência, habilidade, sensibilidade. E tudo isso tem a ver com o artístico e o estético. A arte como produto e servi à apreciação, ao prazer estético. Esse resultado distingue a arte do fazer técnico e da produção espontânea. O artista controla o que faz e dirige sua produção a alguém, julga o efeito que a percepção da obra pode produzir. Na experiência intelectual conta a relação entre partes para chegar a uma conclusão. Já na estética há um crescendo, um ritmo com um desfecho, que resume uma etapa e leva a outra.

Por isso Dewey valoriza “O ato de expressão” (capítulo 4), que nasce de nossas impulsões, da busca de satisfação, da superação de obstáculos, os quais, com a resistência do meio, levam a ter que refletir para agir, guiar-se por objetivos, planejar a ação. As coisas se transformam em meios,

assumem significados, e são expressas. Na expressão artística há construção, controle, tempo de criação, uso do material que o artista acumulou e que a emoção seleciona em atos que abstraem nos objetos algo comum. É isso que confere à arte, universalidade. Sem emoção, não há arte, apenas habilidade, mas essa emoção leva em conta a proporção, ordenação e equilíbrio. Disso resulta melhoria para uma comunidade.

A disputa de teorias estéticas entre as que defendem a pura expressão subjetiva e as que defendem que arte é pura representação de algo externo, não faz sentido. Ambas as teorias são criticadas por Dewey no capítulo 5. O significado na arte reside na expressão de uma experiência, uma obra de arte “constitui uma experiência” (p.184) na medida em que realiza imediatamente uma intenção. Dewey exemplifica com uma carta em que Van Gogh descreve para seu irmão a paisagem que pretende representar. O resultado, o quadro, expressa em cores e pinceladas o que na paisagem impressionou o pintor. Ele põe na obra suas experiências, segue um ritmo, o que ele vê é esteticamente modificado e não representado como se fosse uma foto do real. O artista tem do objeto uma experiência nova, ele revê ou re-apresenta no objeto um tema com significado próprio, resultado de sua “visão imaginativa”. Ele pode traduzir o objeto em termos de planos, fusão de cores, mesmo na arte abstrata, nela também há cor, extensão, ritmo, movimento. Cézanne reordena a percepção, escolhe o que será expresso. E isso sem perder a referência ao mundo, às coisas, suas qualidades e estruturas.

Dewey critica também o associacionismo que parte da sensação como fonte do conhecimento e da arte. A visão é sempre uma percepção; reconhecer e ligar objetos faz parte essencial dos processos vitais que a arte renova e transforma em novas experiências de vida. “No fim das contas, as obras de arte são os únicos meios de comunicação completa e desobstruída entre os homens, os únicos passíveis de ocorrer em um mundo cheio de abismos e muralhas que restringem a comunhão da experiência” (DEWEY, p.213).

Cada arte tem um tipo de linguagem e de comunicação entre o objeto, o artista e o público. O material produz um novo modo de ver, sentir e apreciar. Por isso não há separação entre a matéria e a forma, defende Dewey no capítulo 6, sobre substância e forma. O tema não se confunde com a substância ou matéria. Se o tema é uma paisagem, o que ela evoca são emoções, a forma ou veículo transformam o objeto em algo novo. A crítica artística pode e deve analisar matéria e forma como distintas, mas sem esquecer que estão profundamente ligadas.

A separação entre matéria e forma remonta às filosofias antigas, Platão considerava a forma como essencial, e a matéria como mutável, caótica, sensível. A verdadeira natureza das coisas é

inteligível. A teoria estética, influenciada por Platão e Aristóteles, contrapõe matéria incompleta, à forma, completa e coerente.

Objetos industriais têm forma adaptada ao uso, a função estética não é a primeira escolha do designer, há que considerar a finalidade e os modos de composição ou construção. Na obra de arte as relações e formas se combinam com os materiais ou objetos relacionados, são inseparáveis, a não ser por uma análise posterior. Qualidades sensoriais na arte são expansíveis, não se prestam para o meramente decorativo. Na arte há seleção, organização, estímulos conectados em um quadro de referencial que despertam a emoção, às vezes admiração. Desrespeitar isso leva ao grotesco ou vulgar.

Às vezes o que se considera matéria em uma obra de arte, serve como forma em outra. A relação entre elas é a mesma que existe entre sofrer ou ficar sujeito a uma ação, de um lado, e agir de outro lado. A interação entre ser vivo e o meio, para Dewey, é o parâmetro por excelência, tanto para conhecer, como para agir, tanto para criar arte e objetos de uso, como para transmitir e comunicar significados. A obra de arte “mantém viva, simplesmente por ser uma experiência plena e intensa, a capacidade de vivenciar o mundo comum em sua plenitude. E o faz reduzindo a matéria-prima dessa experiência à matéria ordenada pela forma” (p. 257).

A forma tem uma “história natural”, (capítulo 7), ela resulta de ações e reações as mais diversas na natureza e na sociedade, onde houver integração de forças que conduzem a uma realização plena da experiência de um evento ou situação, há forma. Na arte a forma expressa a tensão, antecipação e resistência, próprios de toda ação inteligente, que Dewey resume no conceito de ritmo, presente em todas as obras de arte. O ritmo vem da contínua e ordenada variação de mudanças, energias que resistem uma à outra, pausas, equilíbrio e simetrias. Todas essas qualidades são próprias da expressão estética. No canto, na música e no teatro, essas emoções são diretamente despertadas em uma plateia, outras artes são duradouras, como a arquitetura e as artes plásticas. Quando um ritmo se impõe, há criação, a tensão entre homem e meio diminui. Esse dinamismo, a arte não pode perder.

O eu ativo impõe ritmo tanto nas artes relacionadas ao espaço, como as relacionadas ao tempo, pois o ritmo não é mecânico, e sim dinâmico, organizador de forças e energias, como ele mostra no capítulo 8 (“A organização das energias”). O ritmo traz a novidade, não aquela facilmente digerível dos best-sellers, mas as variações que criam novos padrões. Nada limita a arte, exceto o material e a intenção do artista. Entre todas elas há uma substância comum, o fato de seu produto ser matéria na qual foram organizadas energias distribuídas no espaço e no tempo. Estes não existem,

não são entidades em si e fixas, o que há é o movimento das coisas, agir e reagir de um organismo vivo com seu meio. Fica evidente o naturalismo deweyano.

Depois de mostrar o que há em comum, nosso autor se volta para as peculiaridades e particularidades das artes. Ele é contra classificações, todas elas restringem algo ou são inapropriadas. Assim, diferir as artes visuais das auditivas, as espaciais das temporais, as representativas das não representativas, qualificativos como superior ou inferior, delimitar entre o que é prosa e o que é poesia – são rótulos que empobrecem as diferentes manifestações artísticas.

As diferenças existem, mas não os compartimentos. A persistência e a expressão de estabilidade da vida são próprias à arquitetura, na escultura há uma organicidade, na pintura, luz, cor e um largo poder de expressão. A prosa de Dewey quase se torna literária neste capítulo, quando expõe a força da música, o impacto da vibração desta que é a arte mais disseminada e com ampla gama de meios. A literatura expressa uma “força intelectual superior”, as palavras têm uma “carga quase infinita de implicações e ressonâncias” (p.422), e na poesia assumem “uma energia de expressão quase explosiva” (p.423). Enfim cada uma das artes explora a energia própria do material usado como meio de expressão.

Dewey critica as concepções filosóficas que consideram haver uma profunda escansão entre mente, eu, espírito e tudo o que é corpóreo e material. Para ele não há um eu puro, mas sim atividades da mente com suas capacidades exploratórias; o eu não possui propriedades intrínsecas, todas as suas operações se devem à interação entre organismo e meio. A distinção alma/corpo, a distinção entre a classe intelectual que contempla as ideias, e os artesãos que lidam com a técnica, está na base da teoria estética que reduz a arte à pura contemplação racional, distante da ação e da emoção. Para Dewey a arte envolve elementos intelectuais, emocionais e os da sensibilidade. Não há antítese entre práticas e usos, os artesãos se expressam esteticamente, e até mesmo os produtos industriais podem ter qualidade estética.

A obra de arte resulta da imaginação e funciona imaginativamente, alarga e concentra a experiência, assim inicia Dewey o capítulo 12, chamado “O desafio à filosofia”. As filosofias da estética devem levar em conta tanto os aspectos da imaginação como os do controle, tanto as emoções, quanto experiências com o objeto. Assim, a arte não pode ser definida unicamente pelo aspecto lúdico, há a livre criação do eu, mas ela é ordenada pelo material que só se torna arte pela fusão do subjetivo com o objetivo ao produzir uma nova experiência. Novamente Dewey se posiciona contra a tese da representação do objeto pela mente, e contra a tese de que a arte é conhecimento. A arte transforma o saber pela visão imaginativa e emocional, ela é expressão.

O capítulo que merece ser lido por todos que se dedicam à crítica da arte, é o 13 (“Crítica e percepção”). Dewey define com sensibilidade e inteligência a função da crítica e os modos mais adequados de exercê-la. É preciso preparo, “uma formação rica e uma visão disciplinada” (p.512). Há os que se escandalizam e não conseguem lidar com novas modalidades de expressão, os que confundem técnica com forma, os que confiam apenas em sua impressão pessoal. O crítico deve ser cauteloso ao formular seus juízos, sincero, bem informado; ele detalha, unifica, analisa, conhece as diversas tradições e procura evitar que a predileção pessoal e partidarismo atrapalhem seu julgamento. Deve evitar todo e qualquer reducionismo, o ideológico, o sociológico, o político. O uso de categorias externas à arte, como as psicológicas, e explicar a obra pela biografia, também prejudicam a crítica da arte.

No último capítulo “Arte e civilização”, Dewey eleva o tom, enaltece a arte, a qual, como expressão, “é uma manifestação, um registro e uma celebração da vida de uma civilização, um meio para promover seu desenvolvimento e também o juízo supremo sobre a qualidade dessa civilização” (p.551). Retorna ao tema das atividades de que nascem as artes, imbricadas com as necessidades e as condições de experiências vitais. Percorre as artes de diversas civilizações, desde a egípcia e a grega, passando pelo medievo. Neste período o poder de agregação da religião permitiu um grande desenvolvimento das artes. É pela arte que se entra nos componentes mais profundos de civilizações remotas e estranhas à nossa experiência, o que leva a romper barreiras e permitir a comunicação entre culturas.

A marca da modernidade são os produtos industriais que podem ocasionar revoluções estéticas pela melhor adaptação às necessidades. Resta a questão da produção que visa o lucro privado. Dewey defende a participação dos trabalhadores “na produção e na administração social dos bens que ele produz” (p.576) o que mudaria o conteúdo da experiência que entra na criação de objetos. Isso mostra que a arte tem função social, e como tal, deve ser incorporada ao sistema de relações sociais. O poder da produção artística e intelectual é maior do que o poder da reflexão moral. Pelo poder da imaginação, ao despertar desejos e emoções, a arte vai além das evidências, transforma e transcende hábitos arraigados.

Por todas essas novidades que traz a reflexão de Dewey sobre arte como experiência, aliada a numerosos exemplos de obras e de artistas, vale a leitura. Além disso, trata-se de uma concepção original, calcada no pragmatismo, no naturalismo e no evolucionismo. O conceito chave de sua filosofia pragmatista é o de experiência, sem ela não há vida, sem ela não há arte.